



# PLURALIDADE E HEGEMONIA DISCURSIVA DA CARTOGRAFIA ESCOLAR

**Pedro Henrique de Souza Rafael**  
phenriquerafael@gmail.com<sup>1</sup>

**Gabriela Klering Dias**<sup>2</sup>  
gabikdiasgeo@gmail.com

**Luciano Martins da Rosa**<sup>3</sup>  
lucianomartinsdarosa@gmail.com

## Resumo

*Este ensaio tem como objetivo geral friccionar argumentos acerca da hegemonia discursiva da Cartografia Escolar no Ensino e Educação Geográfica a partir de sua pluralidade e sua expansão recente dentro da ciência geográfica. O trabalho foi desenvolvido através de revisão bibliográfica e recortes das pesquisas dos respectivos autores, visando contribuir para a discussão qualitativa do atual protagonismo da Cartografia Escolar. A Cartografia Escolar é um discurso hegemônico do ensino de Geografia e um significante vazio, isto porque, esse ramo de estudo tem seu início concomitante ao campo do ensino de Geografia e ao longo de sua história várias disputas estiveram em seu cerne. Além disso, é de primazia discutir a pluralidade da Cartografia Escolar a partir de sua expansão nas últimas décadas e o abarcamento de diferentes áreas da Geografia. A Cartografia Escolar é central antes do protagonismo e desenvolvimento das demais linguagens e áreas ou campos da Geografia que a expandem, constituindo uma hegemonia discursiva tanto no Ensino enquanto significante vazio, quanto na constituição da Geografia enquanto ciência descritiva-visual, por também dar base à entrada das demais linguagens na Geografia Escolar.*

**Palavras-chave:** Discurso hegemônico, ensino de Geografia, linguagens.

## Introdução

Este ensaio tem como objetivo geral friccionar argumentos acerca da hegemonia discursiva da Cartografia Escolar no Ensino e Educação Geográfica a partir de sua pluralidade e sua expansão recente dentro da ciência geográfica.

Para o cumprimento desse objetivo central elencam-se dois objetivos específicos: relacionar a expansão da Cartografia Escolar nas últimas décadas com seu protagonismo científico a partir de

---

<sup>1</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNICAMP.

<sup>2</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNICAMP.

<sup>3</sup>Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNICAMP.



uma hegemonia discursiva e apresentar possibilidades de diálogo com outros campos da Geografia e suas linguagens como formas de permanência e igualmente expansão.

Para isso, o trabalho foi desenvolvido através de revisão bibliográfica e recortes das pesquisas dos respectivos autores, visando contribuir para a discussão qualitativa do atual protagonismo da Cartografia Escolar.

### **Por que acreditamos que a cartografia escolar é uma hegemonia discursiva?**

Defendemos neste texto a ideia de que a Cartografia Escolar é um discurso hegemônico do ensino de Geografia e um significante vazio, isto porque, esse ramo de estudo tem seu início concomitante ao campo do ensino de Geografia e ao longo de sua história várias disputas estiveram em seu cerne. Seja o deslocamento da centralidade do mapa na Geografia, seja a reafirmação da importância da cartografia no ensino, a cartografia escolar representa um discurso de grande envergadura no âmbito da intersecção entre Geografia e Educação e a afirmação de um discurso hegemônico colabora para a compreensão de sua importância.

Para definir a Cartografia Escolar como significante vazio, concordamos com Breda e Straforini (2020), quando os autores pontuam que a cartografia, e até mesmo o mapa, pode ser entendido como um significante vazio, uma vez que os sentidos estão em disputa e o vazio representa a possibilidade de ocupação desse significante. Quando entendemos que esse tema pode ter sido o primeiro discurso hegemônico do ensino de Geografia, isso se deve pelo fato de que um discurso de cartografia foi levado ao posto de hegemônico nos primórdios do ensino de Geografia e a identidade dessa possibilidade só foi possível por entendermos que durante a história da cartografia escolar houve disputas por esse significante. São essas disputas que caracterizam e provam que a cartografia escolar é um discurso hegemônico no ensino de Geografia.

Para evidenciar as disputas hegemônicas dentro da cartografia escolar trazemos o conceito de antagonismo desenvolvido por Ernesto Laclau, entendido como a relação entre duas forças baseadas na negatividade que naturalmente geram conflitos em busca de um lugar hegemônico. Esses significantes antagônicos ao mesmo tempo que negam a si mesmos, também constituem as suas identidades, negando assim a possibilidade de universalização e a confirmando em um ato contraditório, porém necessário para a formação da identidade de determinado significado.



O primeiro antagonismo que trataremos é entre alfabetização e letramento, já discutida por diversos autores e em Breda e Straforini (2020) encontramos o detalhamento de que esse debate, que veio do campo da linguística, na Geografia ganha novos rumos e mais significantes em disputa.

Podemos assumir que no início o termo alfabetização cartográfica é o que se destacava e, com o crescimento do grupo de pesquisadores da cartografia, novos significantes são colocados em disputa e o sentido de cartografia escolar é suturado em função de uma hegemonia discursiva. As demandas desses sujeitos são alteradas em virtude de diversos fatores como mudanças culturais, políticas, econômicas e sociais e é preciso deslocar os sentidos dos significantes para um lugar exterior. Afirmamos que esse movimento de desestabilizar a ciência em função de novos sentidos e novas disputas é profícuo para o desenvolvimento do conhecimento científico, por isso, baseados em Laclau e Mouffe (2015), compreendemos a hegemonia não como algo a ser evitado, mas como algo inerente aos discursos científicos.

Constantemente a ciência se renova e novos discursos são trazidos à tona. A partir dos referenciais pós-estruturalistas, Breda e Straforini (2020) propõem o significante “alfabetizar letrando”, como uma proposta que busca, ao mesmo tempo, negar os significantes individuais e afirmar um novo a partir do entrelaçamento dos dois. Seria mudar o foco tradicional da localização como centro do processo e levar a criança (ou adulto) a fazer o uso dessa leitura e produção, envolvendo-se em práticas sociais de/com essa linguagem adequadas ao contexto do seu uso e produção” (BREDA; STRAFORINI, 2020, p. 294). A proposição de um novo conceito para as discussões cartográficas evidencia o constante processo de questionamento dos sentidos hegemônicos e nos mostra a impossibilidade de esgotamento das possibilidades de disputa pelo discurso hegemônico dentro da cartografia. Na mesma linha teórica de Breda e Straforini, o segundo exemplo de antagonismo que pontuamos são as novas cartografias, que antagonizam com as cartografias ditas tradicionais. Nesse sentido, Cazetta (2018) apresenta um trabalho de análise das dez edições do Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares, no qual percebe que nas três primeiras edições o evento se chamava “Colóquio de Cartografia para Crianças” e, posteriormente, recebe o termo “Escolares”, evidenciando também que ao longo das edições um grupo que se propôs antagônico intencionou uma maneira diferente de pensar as linguagens. Esse discurso foi corroborado pelo grupo de trabalho intitulado “Outras linguagens no ensino de Geografia” no V Colóquio, pelo tema do VII Colóquio “Imaginação e inovação: desafios para



cartografia escolar” e, na mesma edição, pela palestra da professora Ana Preve sobre “Cartografias intensivas”.

Atualmente, ao considerar a última edição do Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares, sua nona edição realizada em Pelotas/RS no ano de 2020, através de dois espaços de diálogo, “Tecnologias e Linguagens no Ensino da Cartografia Escolar” e “Contribuições Teóricas e Metodológicas das Cartografias Sociais”, evidencia-se a tendência desse deslocamento.

O movimento de disputas pelo sentido de cartografia fica evidente dentro do grande evento de cartografia escolar no Brasil, mas fora desse veículo é possível perceber esse antagonismo na produção acadêmica.

Em Canto (2015) notamos a proposição de discutir conceitos para um grupo que busca renovar a cartografia brasileira a partir do entendimento dos mapas para além das imagens e compreender como as práticas e experiências humanas também constituem um modo de desenvolver a cartografia escolar, propondo aqui o debate da cartografia pós-representacional. Esse discurso antagônico é revelado pela autora quando diz que “discutir a educação cartográfica é também pensar no ensino de Geografia que realizamos com os mapas em sala de aula, e é bom lembrar que, tradicionalmente, este ensino se pauta numa visão bastante normativa” (CANTO, 2015, p. 14).

Outro autor expoente desse movimento é Jörn Seemann, que colabora com esse movimento antagônico já no título de seu artigo: “Subverter a cartografia escolar brasileira” o autor propõe questionar a visão hegemônica de cartografia e buscar novas alternativas para representar o espaço, deixando claro que não quer começar uma guerra com a cartografia dita “oficial”, mas quer apresentar outros modos de cartografar (SEEMANN, 2012).

Não obstante, Seemann (2012) apresenta alguns indícios para esse movimento de questionamento, como o surgimento dos “Pós” (Pós-estruturalismo, Pós-modernismo, Pós-Marxismo, Pós-colonialismo e outros) e o fortalecimento das Teorias feminista, étnica e *queer*, criando assim um ambiente favorável para a reaproximação entre mapas e Geografia. Laclau (2011) chama esse contexto histórico de rebelião de particularismo contra uma ideologia totalizante. Nesse momento os geógrafos começam a aproximar o debate da cartografia à Teoria social e outros como Foucault, Deleuze e Guattari, criando assim a possibilidade de um novo horizonte de pesquisas para a linguagem cartográfica.

Ao apresentarmos esses dois debates antagônicos no cerne da cartografia escolar



buscamos provar que existem antagonismos dentro da comunidade que culmina em uma disputa hegemônica discursiva no ensino de Geografia. A existência de disputa de sentidos da cartografia escolar é profícua, uma vez que fortalece a comunidade e desenvolve a ciência. Defender a Cartografia escolar como primeiro hegemônico do ensino de Geografia é acreditar que essa disputa trouxe benefícios para o campo.

Como apresenta Laclau (2013), a hegemonia leva em conta significantes que alteram seu sentido inicial e que mesmo sem ter uma definição fechada ainda assim são definidores de algo. Sabendo que a cartografia escolar é um significante que está em disputa e apresenta diversos sentidos, como apresentado, reforçamos o que Breda e Straforini (2020) já debateram e acrescentamos o sentido de discurso hegemônico.

Sobre o antagonismo que notamos dentro desse ramo de estudos, concordamos com Laclau e Mouffe (2015) quando dizem que “qualquer posição num sistema de diferenças, na medida em que é negada, pode tornar-se o locus de um antagonismo”. Dentro desse trabalho essa prática antagônica é feita baseada em um movimento de negação de um discurso prévio da cartografia escolar, ou como autores colocam, uma renovação ou subversão. Nessa linha, esse discurso representa os limites de um campo discursivo ou a impossibilidade de uma sutura final e, ao mesmo tempo, afirma um discurso como hegemônico, e é dentro dessa contradição que está posta nossa análise. Uma vez que um discurso nega o outro como hegemônico ele está o afirmando como tal, o que pode parecer um paradoxo, mas defendemos isso como o pressuposto dos discursos hegemônicos.

### **Pluralidade da Cartografia Escolar: sua importância reside no tamanho?**

Dentro do mesmo argumento que viemos construindo, é de primazia discutir a pluralidade da Cartografia Escolar a partir de sua expansão nas últimas décadas e o abarcamento de diferentes áreas da Geografia.

Ao buscar um resgate do histórico que constitui essa Cartografia no que ela é compreendida na contemporaneidade, Brotton (2014) contribui ao escrever que os mapas e, assim, a linguagem cartográfica, foram um dos primeiros e mais básicos objetos de conhecimento humano, ordenando e estruturando o espaço. A informação geográfica transmitida por esses objetos era exclusiva a um estrato social dominante e minoritário, relacionado à religiosidade e a uma elite econômica:



dominar um mapa significava dominar o mundo e sua criação (no sentido das grandes religiões monoteístas), ver “de fora”.

Esse poder da linguagem cartográfica e seu domínio supera a descrição geográfica das paisagens e fenômenos naturais e sociais e, na nossa compreensão, já determina um sentido de hegemonia dentro da concepção da Geografia, mesmo longe da instituição da área como ciência, em séculos posteriores.

A instituição da Geografia enquanto ciência pode ser debatida, mas trazemos nas estruturas visuais de Humboldt e a compreensão da centralidade de sua obra na atualidade, principalmente através de Gomes (2017), um momento-chave para pensar na expansão da Cartografia Escolar atual. Paulo César da Costa Gomes, ao trazer os quadros geográficos enquanto complexas estruturas descritivas e visuais, que ilustram e estruturam pensamentos para a construção de novos conhecimentos, dá base pela inspiração no viés descritivo da obra de Alexander von Humboldt às demais linguagens que podem se constituir enquanto quadros geográficos.

Gomes (2017) discute o aprofundamento do visual-descritivo para a produção de sentidos de dado fenômeno ou conteúdo por meio do entendimento do mesmo com um sistema de informações geográficas potente que pode se apresentar através das múltiplas e sobrepostas linguagens, como pinturas, literatura, poesia, mapas, gráficos e tabelas. Ou seja, ajuda a expandir com os quadros geográficos inspirados na descrição a própria linguagem cartográfica, assumindo nessas diferentes linguagens a centralidade da posição e da localização, de forma “georreferenciada” ou não, mas assentada nas propriedades do conhecimento que chamamos de poderoso da Cartografia.

Cavalcanti (2019), por sua vez, defende que essas linguagens fazem parte do repertório da Geografia Escolar, dando centralidade à Cartografia. Escrevendo sobre avanços tecnológicos do texto escrito e falado, os mapas, imagens de satélite, desenhos, etc., a professora defende que essas linguagens ultrapassem a mera ilustração e, para que se efetive o seu papel, intitulado pela autora de imagens de mediação na aprendizagem geográfica — ou signos — é necessário “investigar como elas são produzidas” (2019, p. 189). Já Sauer (2000) discorre acerca de mapas, imagens e as imaginações que possibilitam na Geografia pensar através de associações significativas.

Nessa abordagem, retorna-se ao título da seção: Pluralidade da Cartografia Escolar: sua importância reside no tamanho?



Podemos perceber nesta e na seção anterior a expansão e a pluralidade da Cartografia através de outras linguagens na escola, bem como nos sistemas de informação geográficos estruturados por suas bases visuais-descritivas, as novas tecnologias, etc., porém buscamos fomentar e gerar atrito na compreensão da ideia de importância e relevância em termos qualitativos dessa discussão. A defesa que aqui se faz é que a Cartografia Escolar é central antes do protagonismo e desenvolvimento das demais linguagens e áreas ou campos da Geografia que a expandem, constituindo uma hegemonia discursiva tanto no Ensino enquanto significante vazio, quanto na constituição da Geografia enquanto ciência descritiva-visual, por também dar base à entrada das demais linguagens na Geografia Escolar.

### **Considerações finais**

Tal qual a compreensão de Gomes (2017) acerca dos quadros geográficos, que inclui a concepção de Cartografia e suas múltiplas possibilidades, pensar a Cartografia Escolar de forma sistematizada para escolares pode propiciar a criação de imaginários geográficos, conjunto de imagens “convocadas” pela imaginação que pensa geograficamente. As estruturas dessa Cartografia Escolar possuem potencial para produzirem novas imagens e conhecimento.

Retornando a Brotton (2014), encara-se o mapeamento como aprender e ter consciência de si mesmo em relação ao resto do mundo físico a partir do processamento espacial de informações, que consideramos aqui se expandir a partir da possibilidade das múltiplas e sobrepostas linguagens apresentadas aqui e as que se apresentam ou apresentaram-se nas escolas e demais espaços (formais ou informais) ao longo do tempo, a partir do desenvolvimento tecnológico dos lugares em que são trabalhadas.

Por fim, advogamos aqui pela importância do reconhecimento de hegemonias e antagonismos, isto porque quando falamos em conhecimento científico o crescimento advém, diversas vezes, a partir de disputas e contradições. Definir o que é hegemônico não é fortalecer um discurso, que podemos discordar, é evidenciar que esse lugar hegemônico está em disputa e é contingente baseado em suturas que são feitas em torno de demandas. Portanto, os atores da cartografia escolar estão formando comunidades, hegemônicas e antagônicas, fortalecendo, dessa forma, o ensino de Geografia.



## Referências bibliográficas

BREDA, T. V.; STRAFORINI, R. Alfabetizar letrando: possibilidades para uma cartografia porosa. **Ateliê geográfico (UFG)**, v. 14, n. 2, p. 280-297, 2020. Disponível em: [doi.org/10.5216/ag.v14i2.58950](https://doi.org/10.5216/ag.v14i2.58950). Acesso em: 22 Ago. 2021.

BROTTON, J. **Uma história do mundo em doze mapas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CANTO, T. S. Sobre como mapas se tornam mapas e a educação cartográfica na contemporaneidade. **Revista Terra Livre**, v. 2, p. 13-30, 2015.

CAVALCANTI, L. S. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. 1. ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CAZETTA, V. AS NOVE EDIÇÕES DO COLÓQUIO DE CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES E SUAS AGONÍSTICAS. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, 16(1):159-179, jan./jun. 2018 (ISSN 1678—698X). Disponível em: <https://doi.org/10.5016/estgeo.v16i1.13363> Acesso em: 20 ago. 2021.

GOMES, P. C. C. **Quadros Geográficos: Uma forma de ver, uma forma de pensar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

SAUER, C. O. A Educação de um Geógrafo. **Geographia**, v. 2, n. 4, p. 137-150, 2000. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13392/8592>. Acesso em: 30 jul. 2021.

LACLAU, E. **Emancipação e Diferença**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

LACLAU, E. **A Razão Populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LACLAU, E; MOUFFE, C. **Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015

SEEMANN, Jörn. Subvertendo a cartografia escolar no Brasil. **Geografares**, Vitória, ES, n.12, p. 138-174, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7147/GEO12.3191> Acesso em: 18 ago. 2021.